



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

**O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: Leitura de *Menina bonita do laço de fita*,
de Ana Maria Machado**

ELANE DA SILVA LIMA CAETANO

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2016

ELANE DA SILVA LIMA CAETANO

**O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: Leitura de *Menina bonita do laço de fita*,
de Ana Maria Machado**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C127n Caetano, Elane da Silva Lima.

O negro na literatura infantil [manuscrito] : leitura de Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado / Elane da Silva Lima Caetano. - 2016.

39 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades".

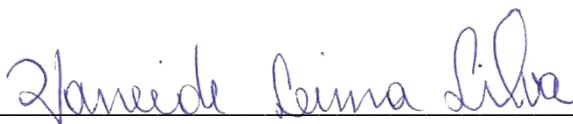
1. Literatura infantil. 2. Ana Maria Machado. 3. Negro. I.
Título.

21. ed. CDD 305.8

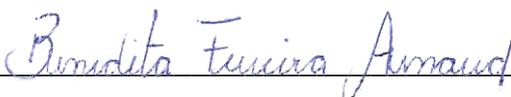
**O NEGRO NA LITERATURA INFANTIL: Leitura de *Menina bonita do laço de fita*,
de Ana Maria Machado**

ELANE DA SILVA LIMA CAETANO

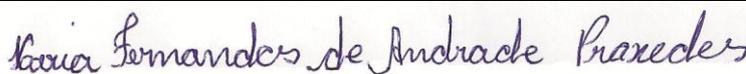
APROVADO EM: 21 de Outubro de 2016.



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Benedita Ferreira Arnaud
Examinador - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim me sustentou e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades e chegar até aqui, nutrindo a minha fé e a minha esperança dia a dia até a conclusão dessa etapa na minha vida. A Ele tudo o que sou e que tenho.

À Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, campus IV, especialmente seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presente.

A minha orientadora, Vaneide Lima Silva, pelo suporte no tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, Erismar da Silva Lima e Francisco Fernandes de Lima, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu irmão, Flávio da Silva Fernandes, mesmo de longe, me apoiou e sempre torceu pela realização desse trabalho: À você, meu irmão, a minha gratidão e o meu amor.

Ao Amor da minha vida, João Paulo Caetano da Silva, por seu apoio, amor e confiança em mim depositado.

A minha filha amada, Paula Karolayne de Lima Caetano, pela compreensão e paciência na minha ausência nas horas de estudos. Mamãe ama você, minha princesa, minha fada do luar...

Aos meus sogros, cunhada, cunhados, sobrinhos, primos, tios, avós e demais familiares e amigos, que de certa forma me apoiaram e creditaram em mim a confiança e o apoio necessário para que eu chegasse até aqui.

A minha amiga e parceira de curso, Mirla Naiandra: obrigada pela parceria e amizade durante o período de faculdade e até hoje – com você a vida acadêmica se tornava menos estressante. Também agradeço ao restante da turma, especialmente às amigas parceiras que levo em meu coração...

Por fim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!!!

Acima de sermos negros, brancos, árabes, judeus, americanos, somos uma única espécie. Quem almeja ver dias felizes, precisa aprender a amar a sua espécie (...). Se você amar profundamente a espécie humana, estará contribuindo para provocar a maior revolução social da história.

Augusto Cury

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a narrativa *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado, procurando observar de que modo a autora retrata o negro nesta obra, na qual nos apresenta uma menina princesa. A obra em análise integra uma das composições da Coleção “Barquinho de Papel”, que se destaca pela leveza de linguagem, conforme sugere o título da série e a poesia que se faz presente através de comparações, imagens, ritmos e sonoridades bastante expressivos. Além disso, a narrativa chama a atenção pela maneira positiva com que a autora caracteriza a protagonista da narrativa, desmistificando a ideia veiculada nos contos de fadas tradicionais, que trazem a princesa com pele branca e olhos claros – azuis – no geral. Sendo assim, Ana Maria Machado quebra paradigmas e inaugura uma nova visão do negro na literatura. Também é feita uma ponte entre a obra e o ensino de literatura, demonstrando o papel social que essa obra atribui ao sujeito em fase inicial de leitura. Centralizaremos nossa atenção, assim, na análise dos personagens da narrativa, particularmente a “menina bonita”, que protagoniza a narrativa. Fundamenta teoricamente o trabalho os estudos de Machado (2011), Lajolo (1983), Coelho (2000), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Ana Maria Machado. Negro.

ABSTRACT

This work aims to analyze the beautiful girl narrative of ribbon (1986), Ana Maria Machado, trying to observe how the author portrays the black in this work, in which Ana Maria Machado presents us a girl "beautiful, beautiful", or better, "a princess of the land of Africa." The work in question is part of the compositions collection "Paper Toy Boat", which stands for the language of lightness, as suggested by the title of the series and the poetry that is present through comparisons, images, rhythms and very expressive sonorities. Moreover, the narrative draws attention to the positive manner in which the author characterizes the protagonist of the story, demystifying the idea conveyed in traditional fairy tales that bring the princess with white skin and light eyes - blue - in general. Thus, Ana Maria Machado breaking paradigms and opens a new view of black literature. Centralize our attention, so the analysis of the characters of the narrative, particularly the "pretty girl", who stars in the narrative. Theoretically based work Machado studies (2011), Lajolo (1983), Rabbit (2000), among others.

Keywords: Children's Literature. Ana Maria Machado. Black.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 BREVE APRESENTAÇÃO DA AUTORA E SUA OBRA.....	11
1.1 Vida.....	11
1.2 Obra.....	13
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL.....	17
2.1 Sobre a narrativa para crianças.....	19
2.2 Elementos indispensáveis na narrativa para crianças.....	21
2.3 Sobre a temática negra na Literatura Infantil.....	22
3 A “FADA DO LUAR” DE ANA MARIA MACHADO: Leitura de <i>Menina bonita do laço de fita</i>.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva analisar a narrativa *Menina bonita do laço de fita*, (1986), de Ana Maria Machado, procurando mostrar de que maneira o negro é representado nessa obra, que encanta pela musicalidade de sua linguagem simples e ao mesmo tempo poética. Tal proposta se justifica na medida em que a autora cria uma protagonista que é comparada a uma “fada do reino do luar”. A comparação já aponta para uma mudança de paradigma que se instaura na atual Literatura Infantil, uma vez que o comum em narrativas para crianças é que as fadas sejam loiras e de olhos azuis. Mas a menina de Ana Maria Machado nesse livro é negra e sua pele é escura, “que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva”. Essas comparações, por sua vez, demonstram a valorização que assumirá no enredo dessa narrativa, a qual coloca o negro num lugar de prestígio, contrariando, assim, a lógica preconceituosa com que a sociedade ainda encara este segmento da sociedade. Nesse sentido, cabe uma leitura da obra que discuta e reflita o lugar do negro na literatura destinada ao público infantil e, por extensão, na sociedade atual.

Acreditamos que o estudo contribua para a formação humana de seus leitores, tornando-os capazes de opinar, refletir e posicionar-se em relação a questões como o preconceito racial, aspecto da sociedade tão presente em nossa realidade brasileira.

Trata-se, portanto, de um estudo de crítica literária, cujo *corpus* analítico é constituído por uma narrativa que integra a significativa obra de Ana Maria Machado selecionada para o desenvolvimento dessa pesquisa, que assume, desse modo, o caráter de bibliográfica, pois consiste em um levantamento de informações sobre a temática estudada que irão auxiliar no embasamento teórico da análise.

A narrativa em estudo integra a coleção “Barquinho de Papel”, lançada pela Editora Ática e se destaca pela leveza da linguagem, como sugere o título da coleção. A sonoridade do título da obra já remete para sua proximidade com as rimas tão comuns na poesia tradicional, integrando ritmo e musicalidade ao enredo lúdico de Ana Maria Machado.

Sabemos da visão preconceituosa que historicamente tem se arrastado ao longo dos tempos com relação ao negro, que tanto contribuiu para a história do nosso país e que é parte da população que integra nosso Brasil. Infelizmente essa prática discriminatória também pode provocar impactos no cotidiano escolar,

recaindo sobre as crianças tais práticas e reforçando o preconceito. Com base nisso é importante que desde cedo as crianças tenham acesso a uma educação anti-racista que permita a desconstrução do preconceito e dos “padrões” de beleza que se constroem em detrimento de outro, levando, desse modo, a uma consciência de inclusão e respeito as diferenças.

Nessa perspectiva, a literatura demonstra um papel decisivo em favor da construção do senso crítico que deve permear a prática da leitura em sala de aula, cumprindo, desse modo, uma função social. A leitura de *Menina Bonita do laço de fita possibilita* vivências lúdicas em sala de aula, além de favorecer o debate em torno do preconceito racial, consistindo aí na sua função social. Que consistiria em formar cidadãos críticos e reflexivos, bem orientados através do texto literário, Dessa forma, esse sujeito, que teve essa formação não recorreria a práticas nocivas a auto estima do sujeito negro, índio ou que apresenta características físicas diferentes das suas, agiria sim, de maneira respeitosa e amável com os seus respectivos semelhantes.

1 BREVE APRESENTAÇÃO DA AUTORA E SUA OBRA

1.1 Vida

A escritora Ana Maria Machado, antes de se tornar escritora, exerceu a atividade de jornalista, foi professora e pintora. Carioca, nascida em Santa Tereza, no dia 24 de dezembro de 1941, exerce um papel fundamental no cenário literário brasileiro, em especial no cenário literário infantil, com mais de 100 títulos publicados. Ganhadora de muitos prêmios, é atualmente um dos maiores nomes da nossa literatura, chegando a ocupar a cadeira número 01 na Academia Brasileira de Letras. Segundo informações coletadas do seu site, a autora afirma que a escolha do seu nome configura um marco, pois até então não se havia escolhido para a Academia um autor com uma obra significativa para o público infantil.

Colecionadora de várias premiações importantes como 3 prêmios Jabutis, o Machado de Assis da ABL em 2001 para conjunto da obra, o Machado de Assis da Biblioteca Nacional para romance, o Casa de LasAmericas (1980, Cuba), o Hans Christian Andersen, internacional, pelo conjunto de sua obra infantil (2000), dentre vários outros, Ana Maria Machado também foi agraciada com outros prêmios: Premio Bial de SP, João de Barro, APCA, Cecília Meireles, O Melhor para o Jovem, O Melhor para a Criança, Otávio de Faria, Adolfo Aizen, e menções no APPLE (Association Pour la Promotion du Livre pour Enfants, Instituto Jean Piaget, Génève) e outras premiações internacionais.

Segundo a biografia de Ana Maria Machado, a escritora teve uma infância rodeada de livros e seus pais e avós sempre a incentivaram pelo gosto da leitura. De acordo com seu relato, ela afirma que durante a infância costumava passar os verões na praia de Manguinhos, onde cresceu ouvindo histórias. Sem eletricidade na época, as pessoas costumavam se reunir à noite para contar várias histórias e ela sempre atenta a ouvi-las. A autora relata que sem as histórias em Manguinhos ela não escreveria como escreve hoje. É tanto que com menos de cinco anos de idade já sabia ler e adorava navegar no universo fantástico de Emília, personagem de *Reinações de Narizinho*, livro de Lobato que influenciou a autora e tantos outros grandes nomes da nossa literatura. Ana Maria Machado admite que Lobato desperta nela o fascínio pelo mundo dos livros e da imaginação. Na adolescência também não foi diferente, conforme ela mesma declara:

A minha adolescência foi repleta de livros, que me proporcionaram grandes prazeres e descobertas. Ficava abismada com o jeito de escrever de grandes autores e cronistas, como Rubem Braga. Na escola, em casa e com meus amigos, estava sempre rodeada de gente que também gostava de curtir a vida tendo bons livros ao seu lado (MACHADO, 2011, p.2).

Antes de se tornar escritora, estudou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e em Nova York, tendo participado de salões e exposições individuais e coletivas no país e no exterior, enquanto fazia o curso de Letras. Formou-se em Letras Neolatinas, em 1964, na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, e fez estudos de pós-graduação na UFRJ.

Deu aulas na Faculdade de Letras na UFRJ (Literatura Brasileira e Teoria Literária) e na Escola de Comunicação da UFRJ, bem como na PUC-Rio (Literatura Brasileira). Além de ensinar nos colégios Santo Inácio e Princesa Isabel, no Rio, e no Curso Alfa de preparação para o Instituto Rio Branco, também lecionou em Paris, na Sorbonne (Língua Portuguesa), bem como na Universidade de Berkeley, Califórnia.

No final de 1969, depois de ser presa pelo governo militar e ter diversos amigos também detidos, deixou o Brasil e partiu para o exílio. Na bagagem para a Europa, levava cópias de algumas histórias infantis que estava escrevendo, a convite da revista *Recreio*. Lutando para sobreviver com seu filho Rodrigo ainda pequeno, trabalhou como jornalista na revista *Elle* em Paris e no Serviço Brasileiro da BBC de Londres, além de se tornar professora de Língua Portuguesa em Sorbonne. Nesse período, participou de um seleto grupo de estudantes cujo mestre era Roland Barthes, e terminou sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia sob a sua orientação, em Paris. Paralelamente, nunca deixou de escrever as histórias infantis, que continuavam a ser publicadas pela revista e só a partir de 1976 passaram a sair em livro.

A volta ao Brasil veio no final de 1972, quando começou a trabalhar no *Jornal do Brasil* e na Radio Jornal do Brasil, cujo departamento de Jornalismo chefiou de 1973 a 1980, numa gestão que deixou marcas entre os ouvintes, pela ousadia e inventividade com que soube animar uma equipe jovem no enfrentamento cotidiano contra a censura da ditadura. Como jornalista, trabalhou também no *Correio da Manhã*, n' *O Globo*, e colaborou com as revistas *Realidade*, *IstoÉ* e *Veja*, bem como os semanários *O Pasquim*, *Opinião* e *Movimento*. (LAJOLO, 1983).

Vemos que sem deixar de escrever para crianças, Ana Maria Machado em 1977, ganhou o prêmio João de Barro pelo livro *História Meio ao Contrário*. O sucesso foi imenso e levou à publicação de muitos livros até então guardados na gaveta. Dois anos depois, junto com Maria Eugênia Silveira, decidiu abrir a Malasartes, a primeira livraria infantil do Brasil, que co-dirigiu por 18 anos, apostando na inteligência do leitor, na criteriosa seleção dos títulos a partir de um conhecimento acumulado, na liberdade de escolha, na convicção de que ler livro bom é uma tentação irresistível e um direito de toda criança. O sucesso foi tal que, daí a um ano, só no Rio de Janeiro, havia 14 livrarias que buscavam seguir o mesmo modelo. (LAJOLO,1983).

Vale destacar que Ana Maria Machado há mais de três décadas vem exercendo intensa atividade na promoção da leitura e fomento do livro, tendo dado consultorias, participado de seminários da UNESCO em diferentes países e sido vice-presidente do IBBY (International Board on Books for Young People).

1.2 Obra

Tendo seu nome reconhecido nacional e internacionalmente, Ana Maria Machado ocupa lugar de destaque na produção de narrativas voltadas para o público infanto-juvenil. Dona de uma linguagem simples, espontânea e criativa, a autora se destaca pela maneira lúdica com que discute a identidade infantil, temas do cotidiano em geral, mas, principalmente, por colocar em destaque a menina na literatura. O perfil feminino permeia sua obra, ocupando um lugar central, e a postura de seus personagens chama a atenção pela maneira questionadora, inteligente e crítica com que se comportam.

Muitos estudos e pesquisas já foram realizados em torno de sua obra. De um modo geral, a crítica mais especializada vê em Ana Machado as marcas de uma grande escritora, como assegura Lajolo (1983, p.102), quando declara: “Ana Maria Machado, coberta de sua legada influência lobatiana, define sua geração como um bando de gente que cresceu lendo e vivendo o universo lobatiano, foi virando gente grande e começou a mostrar a marca disso”.

A autora se propõe a discutir aspectos sociais contemporâneos no que escreve a fim de despertar sensibilidade e questionamentos acerca do que está sendo construído e levado adiante. Portanto, suas obras são muito importantes no

que diz respeito à formação de indivíduos críticos e reflexivos, conforme argumenta Lajolo:

Renovando de forma radical o temário da leitura infantil brasileira, Ana Maria Machado, que estreia nos anos 70, traz para seus textos várias marcas de seu tempo, um tempo em que a cultura brasileira tratava de recuperar os fragmentos de sua imagem recente: a busca de uma linguagem própria que, de certo e de seu, tem apenas a consciência de seus limites (LAJOLO, 1983, p. 106)

Na busca dessa “linguagem própria”, a autora se afirma com uma obra de grande qualidade artística, confirmando a definição que Coelho (2000, p. 27-28) apresenta quando se propõe a definir a Literatura:

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse ‘modo’ é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou a suas crianças é conhecer os ideais e valores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta [...])

Neste sentido, percebemos nos textos de Ana Maria Machado uma musicalidade poética que leva sua linguagem a um campo lúdico e envolvente de poesias e cantigas que enriquecem suas ideias e narrativas, com a presença constante das mais variadas culturas da tradição popular. Sobre essa questão, Lajolo (1983, p. 105) registra:

E chegando a linguagem, chegamos à outra característica importante das histórias de Ana Maria: em todos seus textos, o trabalho com a linguagem é extremamente cuidadoso; percebe-se a intenção também lobatiana de deslitalizar a literatura infantil, aproximando seu discurso e mais possível do coloquial, do oral, do cotidiano.

A oralidade, portanto, se apresenta como uma das características principais da linguagem da obra de Ana Maria Machado, traço que aproxima ainda mais o leitor de sua obra. De um modo geral, a linguagem quase sempre enfatiza os temas abordados nos seus livros, evidenciando uma profunda sintonia da linguagem com os conteúdos abordados nos enredos criados pela autora. Em alguns momentos é possível identificar as marcas da poesia em alguns de seus livros, a exemplo de *Menina Bonita do laço fita*, cuja sonoridade já verificada no próprio título sugere sua proximidade com as rimas – um dos traços marcantes da poesia tradicional.

A saga do coelhinho branco a procura da fórmula perfeita para tornar-se conhecedor do segredo da “menina bonita do laço de fita”, que era pretinha, envolve o leitor com a pergunta recorrente: “Menina bonita do laço de fita qual o teu segredo para ser tão pretinha?”. Tal pergunta, aliás, figura como uma espécie de refrão, tão comum também no gênero poético.

Embora o livro não tenha sido pensado para a comunidade negra, a narrativa conta a história de uma menina preta que é admirada por um coelho branco curioso, que quer saber como pode alcançar a mesma cor da bela e simpática menina. Mas, o que fazer para ficar pretinho como ela? Então a menina respondia as possíveis maneiras de ser assim tão negra. Até que sua mãe intervém e relata o verdadeiro motivo da sua cor.

A obra suscita reflexões importantes sobre diversidade racial, identidade, auto-imagem, hereditariedade, miscigenação e fraternidade. Assim, ao retratar uma personagem negra, Ana Maria Machado busca quebrar uma tradição ou paradigma, ao revelar, enquanto protagonista, uma menina negra, fato pouco comum em títulos de literatura infantil. Portanto, podemos destacar nesta obra, uma marca pós-moderna, na medida em que rompe com estruturas pré-estabelecidas, uma vez que a protagonista está longe de ser considerada uma personagem tradicional encontrada em literatura infantil. No geral, os traços considerados pós-modernos são os seguintes: heterogeneidade, diferença, fragmentação, indeterminação. A explicação apresentada pela própria escritora em *Contracorrente* (1999), para explicar a escolha da cor da personagem, demonstra a quebra dessa estrutura tradicional em narrativas infantis:

Gostei da ideia, mas achei que o tema de uma menina linda e loura, ou da Branca de Neve, já estava gasto demais. E nem tem nada a ver com a realidade do Brasil. Então a transformei em uma pretinha, e fiz as mudanças necessárias: a tinta preta, as jabuticabas, o café, o feijão preto etc. (MACHADO, 1999, p. 66).

Vale ressaltar que a autora não rompe totalmente com uma tradição de se fazer narrativas para crianças. O modo de iniciar o enredo evidencia isso, pois sua história se inicia com o tradicional “Era uma vez” típico dos contos de fadas, assim como a estruturação de suas narrativas reproduzem a linearidade dessas histórias, obedecendo e seguindo um enredo com começo, meio e fim. Seus personagens, assim como ocorre nos contos de fadas, são apresentados a partir de um problema

que é resolvido ao final da narrativa, tal como acontece também nas narrativas tradicionais.

Mas Ana Maria Machado inova a partir do momento que nos apresenta a mulher – menina – como protagonista inteligente, questionadora e emancipada, seguindo a esteira de Lobato, quando cria Lúcia – “a menina do narizinho arrebitado”. Em *Menina bonita do laço de fita* a protagonista é uma princesa das terras da África, uma negra “linda, linda”, como verificaremos na análise da obra mais adiante.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL

O surgimento da Literatura infantil coincide com a ascensão da burguesia. Segundo Cunha (2003) essa Literatura surge no início do século XVIII, a partir do momento em que as crianças passaram a ser observadas como seres diferentes dos adultos, sendo vistas como seres que têm necessidades e características exclusivas.

Ainda de acordo com a autora, se distinguia dois tipos de crianças: a da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes menos privilegiadas lia ou ouviam histórias de cavalaria e aventuras. Estas constituíram, assim, a gênese de uma Literatura para crianças e jovens. Dos clássicos se fizeram adaptações; do folclore houve a apropriação dos contos de fadas. Muitos desses contos foram catalogados por Charles Perrault e os irmãos Grimm, de maneira que esses autores são tomados como referência até os dias atuais, pois muitos de seus contos são lidos e apreciados até hoje.

Borges (2003, p.125) afirma que “é inegável a importância da literatura, quando se pensa na formação completa do ser humano, num processo que busque o equilíbrio entre o desenvolvimento da inteligência e da afetividade, entre a razão e a emoção, entre o utilitário e o estético”.

Borges demonstra a importância da literatura na vida do sujeito leitor, as interferências saudáveis que a literatura poderá causar. Isso se refere ao modo de relacionamento e tratamento dispensado ao seu semelhante, tecendo relações de afetividade e respeito independente do estético.

Concordamos com Benjamim (1984, p.184) ao afirmar que a criança mistura-se com os personagens de maneira muito mais íntima do que o adulto. O desenrolar e as palavras trocadas atingem-se na força inefável, e quando ela se levanta está envolta pela nevasca que soprava da leitura.

Isso só reforça o papel que a literatura exerce nas fases iniciais, pois em concordância com a citação de Benjamim, (1984), percebemos que a criança se assemelha profundamente com a literatura, de maneira a criar vínculos com as personagens das histórias. Daí a importância de oferecer a essa criança uma leitura que seja livre de preconceito, que ensine a ela o verdadeiro sentido do respeito, para que assim ela construa dentro dela uma identidade de respeito e afetividade.

É possível que os personagens das histórias ofereçam para a criança a experiência da transferência. Nos estudos de Freud (2002), é afirmado que a transferência é aliada do processo psicanalítico e que é definida a partir de três parâmetros: realidade e fantasia, consciente e inconsciente, presente e passado.

Uma grande referência da Literatura Infantil brasileira é sem dúvida Monteiro Lobato (1882-1948), que introduziu o gênero no país de uma maneira genuína. Segundo Oliveira (2008, p, 23):

Monteiro Lobato (1882 – 1948) foi o grande divisor de águas na área da Literatura Infanto-Juvenil, rompendo com convenções estereotipadas e inovando através de uma linguagem coloquial e popular. Sua obra insere o leitor em um projeto de exercício de consciência crítica, perpetuando sua produção. Esta constituiu uma nova literatura que permitiu o desenvolvimento da criticidade do leitor, discutindo temas políticos, sociais e econômicos do período.

Ainda de acordo com a autora, as obras de Lobato demonstram a confiança que o autor atribuía à criança como atuante agente transformador do seu meio, pois envolviam questões sociais como políticas e ciência, refletindo frente aos problemas sociais de sua época. É o que observa a autora ao analisar uma de suas obras intitulada de *A chave do tamanho* (1942), livro que traz abordagens e consequências sobre a guerra, além de abordar temáticas culturais com lendas que foram capturadas diretamente do folclore brasileiro.

Oliveira (2008) considera que a partir da década de 90, a literatura ofereceu uma maior produção de livros à criança, como também uma gama imensa de produções nas mais variadas formas, gêneros, autores, temas e projetos gráficos e o mercado editorial consolida as produções para esse público. Com o decorrer dos anos ela passa a ser mais voltada para a criança, surgindo nesse espaço autores como Tatiana Belinky, Ana Maria Machado, Sônia Junqueira, Lygia Bojunga Nunes, Ziraldo e muitos outros, ampliando, assim, o cenário literário infantil.

Inserida neste cenário, Ana Maria Machado traz para seus livros o perfil feminino, o respeito pela pluralidade cultural, a paisagem dos diferentes “brasis”, os conflitos da sexualidade, o jogo em cena aberta com a musicalidade da língua portuguesa. A autora demonstra se preocupar em manter um contato entre a obra e o leitor, pois a leitura flui, envolve-o na história. Ela se expressa de modo a criar um espaço aberto e livre no qual a criança possa se movimentar, tendo a oportunidade de refletir, imaginar e recriar a partir da leitura, para, a partir daí, desenvolver seu

pensamento, sua criatividade, ficando evidente, desse modo, a função principal de sua obra, que, aliás, constitui uma das funções da Literatura.

Atualmente já se verifica um número significativo de obras que valorizam a imagem do negro, muitos dos quais oriundos da tradição oral africana ou adaptados do mito, das lendas e contos em geral. O fato é que o segmento étnico racial negro, já comparece de forma menos estereotipada, como ocorre em *Menina bonita do laço de fita*, onde identificamos a valorização dos traços físicos da menina negra, conforme perceberemos mais adiante: o cabelo afro, arrumado em formato de tranças enfeitadas com laços coloridos, a pele lustrosa, dentre outros traços, se tornam referência de beleza na narrativa de Ana Maria Machado.

2.1 Sobre a narrativa para crianças

De acordo com Cunha (2003, p. 97), “irrequieta por natureza, incapaz de uma atenção demorada, a criança irá interessar-se naturalmente pelos livros onde, a todo momento, apareçam fatos novos e interessantes”, tendo em vista que a movimentação caracteriza a fase infantil. Nesse sentido, podemos considerar o universo infantil como uma oportunidade muito rica para explorar a literatura, principalmente as narrativas, que tanto encantam crianças e jovens.

Uma vez que as crianças desenvolvem muito cedo a capacidade de compreender e narrar histórias, essa capacidade poderia se chamar de competência básica, o que já é uma boa perspectiva para o professor. Este, enquanto mediador do processo, deve trabalhar as narrativas levando em consideração a escolha, o gosto e o interesse desse aluno, respeitando as suas escolhas e posicionamentos.

Ao classificar as narrativas infantis, Aguiar (2001) estabelece quatro critérios: a estrutura apresentada, a temática desenvolvida, os tipos de personagens e o efeito produzido pelo leitor. Sobre a estrutura apresentada, a autora aponta seis tipos de obras: mitos, lendas, fábulas, apólogos, contos e novelas. O que diferencia são as formas das ações serem organizadas e narradas: “a literatura infantil, valendo-se da fantasia ou não, apresenta-se sob diferentes formas expressivas que são, antes de tudo, em prosa ou em verso. Dentro do primeiro grupo, encontramos os mitos, as lendas, as fábulas, os apólogos, os contos e as novelas” (AGUIAR, 2001, p.86).

Com base na mesma autora, verificamos que os **mitos** podem ser definidos como relatos que os homens criaram para explicar os fenômenos relacionados à origem e evolução do universo. As **lendas** são formas que o homem encontrou para explicar aquilo que não se entende e apresentam uma infinidade de seres sobrenaturais. As **fábulas** são histórias de animais personificados mantendo qualidades e ações da analogia. Por fim, os **apólogos** são histórias de objetos personificados que traz uma moral ou norma social.

Os tipos de narrativas mais frequentes para crianças, segundo Teixeira, são os contos e as novelas. Nos contos podem ocorrer fatos de um passado indeterminado, e estes costumam contar tramas que são consideradas narrativas fechadas. Nas novelas, é mantida a importância do protagonista desenvolvendo suas ações lineares de tempo e apresenta uma estrutura remanescente dos contos tradicionais, uma vez que segue quase sempre um roteiro já muito conhecido e

esperado pelo público, parecido com o que as crianças já estão acostumadas nos contos da literatura infantil.

Quanto ao segundo critério para classificar as narrativas infantis, o da temática desenvolvida, Aguiar (2001, p. 95) afirma que este “deve estar de acordo com o nível de compreensão e os interesses do leitor infantil”. Deixando a criança à vontade para fazer as suas escolhas literárias, haja vista que a criança estará adentrando e fazendo os seus primeiros contatos com a literatura ainda que de maneira tímida, talvez, é importantíssimo, nesse caso, o livre acesso de acordo com o que lhe agrada, seja pelas ilustrações ou por qualquer outro motivo que a cativem.

Já o terceiro critério diz respeito aos tipos de personagens. Segundo Aguiar (2001, p. 101):

A categorização das narrativas infantis segundo os tipos de personagens que elas apresentam remete a um número variado de história. A escolha da natureza da personagem e de suas características (idade, hábitos, comportamentos...) determinam a identificação da criança com o texto.

Geralmente as crianças apresentam gostos pelos personagens que movimentam as histórias, as personagens felizes cativam as crianças de maneira muito íntima, bem como as princesas, as mocinhas, os mocinhos, personagens que representam o lado bom e bonito da estorinhas.

O efeito é o quarto critério utilizado por Aguiar para classificar as narrativas: Que seria o efeito produzido no leitor, o contato com o texto literário é sinônimo de despertar reações, estas reações aparecem de várias maneiras no leitor, podem demonstrar, riso, alegria, satisfação, como também sentimentos de angústia, medo, dor, dependendo do tipo de texto lido.

“o último critério utilizado por nós para classificar as obras infantis é o que diz respeito ao efeito produzido no leitor, que pode ser, entre outros, de suspense, humor, terror ou lírico” (AGUIAR, 2001 p. 102).

De acordo com esses critérios a narrativa infantil pode apresentar situações da realidade social (preconceito, violência) fatos do cotidiano, ficção científica, aventuras, religiosidade e ainda fatos policiais, causando emoções aos pequenos leitores como encantamento, terror, humor. O despertar dessas emoções, por sua vez, tende a provocar a identificação entre a obra e o leitor, daí a importância da Literatura Infantil na formação do leitor do texto literário.

A Obra de Ana Maria Machado, *Menina Bonita do laço de fita* tende a despertar as emoções, possibilitando uma consciência crítica na medida em que demonstra o não preconceito pré- estabelecido durante anos em nossa sociedade, ou seja, percebemos o contrário, a valorização da figura negra. Sendo assim, podemos afirmar que a narrativa enquanto gênero literário cumpre sua função social, afinal; como nos aponta, Silva e Martins (2010, p.32):

Os gêneros literários talvez sejam dos mais significativos para a formação de um acervo cultural consistente. De um lado, como os textos literários costumam propositalmente trabalhar com imagens que falam à imaginação criadora, muitas vezes, escondidas nas entrelinhas ou nos jogos de palavras, apresentam o potencial de levar o sujeito a produzir uma forma qualitativamente diferenciada de penetrar na realidade.

Portanto, acreditamos que o incentivo à prática da leitura possibilita a ampliação dos horizontes de expectativas dos leitores, daí a importância da leitura para a criança, afinal, ao incitar a imaginação criadora, o leitor tem a oportunidade de travar uma experiência com o ficcionado e posteriormente refletir a partir da experiência relatada. Diante da fantasia criada pelo escritor, Held (1990, p., 45) acredita que “a criança prolonga uma visão animista, do mundo, que certamente existiu, mas que se torna, então... proteção, refúgio contra as exigências externas que atrapalham ou meio de se distrair quando se aborrece.” Segundo a autora, não influi se empregada como distração ou meio de meditação, o admirável é ler e ouvir histórias. Estas poderão configurar como um “brinquedo” ou puro divertimento à serviço do amadurecimento pessoal e intelectual da criança.

2. 2 Elementos indispensáveis na narrativa para crianças

O dramatismo, a movimentação é, segundo Cunha (2003, p.76), indispensável na narrativa infantil. Ao caracterizar a narrativa para crianças, a autora considera que

O autor terá mais sucesso entre as crianças se evitar descrição e digressões longas, ainda que muito pitorescas, mas que não tenham nada com o fio da ação da história. Em geral elas interrompem o caso, e o resultado não será desejado pelo autor. (CUNHA, 2003, p. 98)

O diálogo, sugere a estudiosa, torna-se mais necessário para crianças, uma vez que “atualiza a cena, estabelecendo o presente aos fatos, envolve mais facilmente o leitor que o discurso indireto”. (Cunha 2003, p.76) Quanto aos personagens, Cunha (2003, p. 77) também garante que eles são indispensáveis, observe:

As questões relativas às personagens são também muito importantes: o número, o aparecimento, as oposições entre as personagens, suas características, são pontos importantes a considerar, dentro do conjunto da obra. Quanto a classificação, as personagens serão frequentemente planas, sem grande complexidade.

A criação do enredo de uma história para crianças é diferente do desenvolvimento do criado para adultos. Ainda com base no estudo de Cunha (2003, p. 77) verificamos que “a criança vem acostumando-se aos poucos aos processos narrativos da televisão e do cinema, mas nestes a imagem e outros processos ajudam a criança a perceber mudanças mais complexas de planos narrativos. Alguns processos utilizados em um romance para adultos não podem ser empregados em uma obra voltada para a criança. Desse modo, a autora sugere que o recurso da linearidade se faz importante: “com tempo cronológico e não psicológico, sem cortes e voltas ao passado ou a cenas paralelas, sem fluxos de consciência” (CUNHA, 2003, p.99).

Outro aspecto que merece atenção e que concordamos com Cunha diz respeito ao desfecho feliz, que se torna indispensável na visão da autora, pois segundo a mesma, a criança identifica-se com a personagem simpática, e o final desagradável a “feriria inutilmente”.

Vale ressaltar que consideramos indispensável a participação do educador enquanto mediador do processo de leitura literária na escola. Este deve compreender a necessidade e a realidade do público com o qual está trabalhando, para se ter ideia previamente do material que melhor cairá no gosto das crianças, uma vez que estão começando a penetrar no mundo fantástico da literatura. Sendo assim, vale a pena lembrar o que afirma Amarilha (1997, p. 43) a respeito da leitura:

Para adquirir a verdadeira autonomia na leitura, a criança não pode ser deixada a ler sozinha e sempre o mesmo nível de livros. O aprendizado da leitura é um ato social; ele resulta da interferência pedagógica de uma geração sobre a outra. Além disso, a educação não se dá sem esforço, pois ela deve combinar o trabalho do adulto e da criança.

Portanto, torna-se indispensável a ação de acompanhamento do educador. Sendo este um mediador, deve se comportar de maneira não impositiva em relação à leitura do texto literário, pois quando apresentada dessa maneira, tende a distanciar ainda mais o texto do leitor. Logo, deve se comportar como um adulto que ajuda no processo fazendo o aluno progredir na leitura e compreensão das obras, tornando as aulas de leitura em experiências prazerosas e cheias de significado para os leitores em formação, afinal, a presença da Literatura no ensino fundamental deve estar a serviço da educação da sensibilidade.

2.3 Sobre a temática negra na Literatura Infantil

Embora exista hoje um número significativo de obras que valorize a temática negra na Literatura Infanto-Juvenil, é preciso ressaltar que as marcas de séculos de inferiorização não foram completamente apagadas. Mediante essa constatação, torna-se imprescindível ter um olhar mais acertado e criterioso com relação a (re) leitura de obras destinadas ao público infantil, para não prosseguirmos com leituras carregadas de preconceitos e racismos, tão caras à auto estima da criança negra.

Segundo Candido (1992, p. 55) a “personagem é um ser fictício” resultante da criação do artista, e “[...] comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” afinal, o “[...] romance se baseia [...] num tipo de relação entre o ser fictício, manifestada através da personagem [...]”. Que pode ganhar vida no imaginário do leitor, representando uma verdade fictícia, mas que repassa uma função, seja ela social ou emocional.

Daí se infere que este ser de ficção ganha vida no imaginário dos leitores, possibilitando vivências de emoções, sensações, frustrações, amor, ódio; enfim, de conflitos sociais, existenciais, morais, ético-raciais, entre outros. Tratando-se do personagem negro delineado na linguagem literária, não podemos desconsiderar que a “[...] linguagem tem influência também sobre os comportamentos do homem” (FIORIN, 2001, p. 55), ainda de acordo com Fiorin:

O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente. Esses estereótipos entranham-se de tal modo na consciência que acabam por ser considerados naturais.

Pensando nisso e redirecionando o pensamento de Fiorin à arte literária, entendemos que o estudo dos personagens possibilita a (re) criação do ser humano, mediada pela linguagem verbal e não verbal. Interessa, portanto, uma atenção sensível e consciente quanto às obras destinadas às nossas crianças e jovens na “sociedade- em- transformação”, afinal, entendemos a “[...] literatura como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos [...]” (EVARISTO, 2007, p.7).

Concordamos com a pesquisadora no que se refere ao importante papel desempenhado pela literatura na construção ou negação das identidades. Se por um lado, reconhecemos que a nossa literatura foi inspirada na visão eurocêntrica, e que isso não enaltece a cultura africana em nada, muito pelo contrário, desencadeia uma visão preconceituosa e racista. Por um lado, persiste a carência de estudos voltados para a temática étnico-racial na área de letras.

A exemplo disso temos a escassa produção bibliográfica até então encontrada. Vale lembrar ainda a constatação que Neves (1997, p.12) faz em relação ao currículo, ao reconhecer que “temos um currículo totalmente voltado para uma concepção de mundo “eurocêntrica”, desvinculada da nossa realidade, constituindo-se assim, numa verdadeira camisa de forças para os afro-brasileiros”. Mas com o passar do tempo algumas medidas vem sendo tomadas para mudar o panorama geral da forma de ensino que inclui a Lei 11.645/2008, que altera a atual LDB 9394/96, modificada pela lei 0.639/2003 orienta a inclusão no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “HISTÓRIA E CULTURA AFRO – BRASILEIRA E INDÍGENA”.

Diante dessa constatação cabe então desvelar as nuances do eurocentrismo curricular estético e temáticos nas produções literárias, de modo a situar caminhos possíveis para inserção dos segmentos étnico-raciais secularmente antagonizados. Para isso seria de suma importância contar com a colaboração dos educadores no papel de combater as práticas racistas, considerando as implicações desta para a nação brasileira como um todo e não só para a população negra e indígena. Outra participação importante seria do segmento editorial, fazendo-se necessários investimentos em produções mais contemplativas da cultura negra. E a inserção desse material nos espaços escolares.

As marcas do eurocentrismo pode ser percebida em grande parte da produção literária infanto-juvenil brasileira, partindo da veiculação de um único padrão sociocultural em detrimento dos demais. É o que confirma Rosemberg (1984, p. 83-84) em pesquisa que analisa cerca de 170 obras literárias publicadas entre 1955 e 1975. A autora se surpreende ao afirmar que “Tais obras deveriam ser submetidas a lei da imprensa por constar uma carga inferiorizante e depreciativa a figura negra, já que a estudiosa verifica ser notória a (super) valorização do segmento étnico racial branco em detrimento do negro. O negro delineado na tessitura literária aparece sempre exercendo atividades serviçais, animalizado, associados: A maldade, a sujeira e a tragédia. Recebendo um acabamento “ficcional” inferior ao branco. O negro foi descrito ao longo dos anos na literatura como antagonista, devido ao preconceito da sociedade, embora também a literatura busque colocar diante dos nossos olhos fragmentos da realidade. Talvez esses autores tentassem descrever a realidade enfrentada pelos negros e não buscassem apenas depreciar esses personagens.

Tomando como base a pesquisa de Rosemberg, Oliveira (2003) observa que não foi só até 1975 que se estendeu a estereotipia em face aos personagens negros. A pesquisadora comprovou, ao se debruçar em pesquisas sobre doze livros publicados entre 1979 e 1989, que embora tenha percebido mudanças significativas quanto as funções do negro nas narrativas, desta feita não mais como antagonistas, diferenciando-se nesse aspecto, portanto, da pesquisa de Rosemberg (1984). Por outro lado, Oliveira percebe que aqueles personagens corroboraram para expressar:

- (1) O preconceito étnico racial;
- (2) A discriminação racial e a miserabilidade humana, e por último.
- (3) A propalada democracia racial e a mestiçagem, exaltando-se a beleza d’*O Menino Marrom* (ZIRALDO,1986) e da *Menina Bonita do Laço de Fita* (MACHADO, 1986).

Diante dos doze livros analisados, Oliveira (2003), reconhece que o que mais lhe apresentou indícios inovadores foi *A Cor da ternura*, de Geni Guimarães (1989), obra não aludida pela crítica literária infanto-juvenil vigente.

A pesquisadora deixa claro quão díspar é a publicação e divulgação das obras que apresentam personagens negros, compartilhando os resultados de uma

pesquisa realizada (entre 2005 e 2006), quando do levantamento de títulos fixos dos catálogos de algumas editoras, foi constatada a grande oposição de publicações contendo personagens negros e brancos, já que de um total de 1565 obras divulgadas no catálogo, 1183 são brancos e só 382 negros. A autora sugere que seria importante que a partir desse levantamento de informações se efetivasse a seleção e analisasse de modo a identificar quais entre eles, corroboram para inovação e ressignificação dos personagens negros, de fato.

Portanto, percebemos que durante boa parte da nossa trajetória literária os personagens negros estiveram ausentes da literatura infantil. Em contrapartida, quando presentes, exercem a função de antagonistas, sendo também inferiorizados se comparando aos brancos.

Nos anos 70 e 80, quando ocorre a eclosão da literatura infantil, surgem no cenário literário infantil obras com maiores números de protagonistas negros, abrindo-se as portas para a denúncia do preconceito racial e do racismo aliado à miserabilidade humana. Neste mesmo período, duas narrativas chamam a atenção da crítica literária brasileira, pois se aproximam do viés ideológico da mestiçagem e sinalizam a harmonia racial, tratam-se de *Menina Bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (1986) e *O menino marrom*, de Ziraldo (1988), obras que fazem a diferença no enredo, nas ilustrações ao tecer com maestria a beleza interior e exterior dos protagonistas. Segundo Cadermatori, (1986), esses livros tendem a sensibilizar o leitor quanto às questões sociais e seu papel na sociedade, respeitando as diversidades raciais existentes. Na visão da autora, são obras sem sombra de dúvidas riquíssimas de nossa literatura em termos temáticos, estéticos e poéticos, conforme veremos a seguir ao analisar a *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado.

3 A “FADA DO LUAR” DE ANA MARIA MACHADO: Leitura de *Menina bonita do laço de fita*

Exercendo grande fascínio sobre as crianças, as histórias, além de despertar a imaginação, contribuem para a formação da personalidade, na medida em que oferecem elementos para a compreensão da realidade e para o desenvolvimento psíquico, moral, ético e emocional dos pequenos. A história tem a capacidade de extrair do leitor os seus anseios, vivências, medos e alegrias, transcorrendo do mundo imaginário e fantasioso para uma situação real. É o que afirma Veloso (2005), cuja definição de criança merece o nosso destaque. Segundo este autor:

[...] [a criança] é um ser para quem a ficção corresponde à natural necessidade de compreender o mundo. O que as histórias contam à criança permite um estilhaçar de paredes de vidro que a limitam, levando-a a penetrar num mundo que quer conquistar, mas também lançam luz em zonas obscuras do seu íntimo, clarificando dúvidas, desfazendo medos, construindo, enfim, uma identidade (VELOSO, 2005, p. 3)

A partir desta afirmação, podemos dizer que em contato com as histórias, a criança não apenas pode se entreter com a leitura, mas pode se envolver com o significado da história lida. Por esta razão, acreditamos que quanto mais enriquecidas forem com estórias que lhes tragam um significado emocional, moral e ético, mais preparada estará esta criança para encarar a vida e os conflitos que surgirem em seu caminho. Nesse sentido, é verdadeiro se dizer que em cada momento de sua vida a criança é capaz de entender as situações em sua volta, de se relacionar cognitivo e emocionalmente com elas. Assim, o ler e o ouvir histórias incentiva a observação presente do mundo ficcional para o mundo real, uma vez que muitas histórias interagem com a realidade da criança, conforme identifica Bettelheim (1978, p. 16):

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento - separar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de auto valorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que se está passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo.

Ainda de acordo com o crítico, ao percorrer o universo das estórias, a criança cria o seu próprio mundo, cheio de fantasias e imaginação. Essa viagem em um inanimado mundo da fantasia revela-se como um holograma sobre o animado mundo real, que contribuirá para formação do seu pensamento e sua imaginação.

Bettelheim (1978) acredita que as histórias tendem a influenciar a formação psíquica infantil, as quais podem elevar o seu potencial cognitivo, capacitando ao mesmo tempo para o desenvolvimento da imaginação, do conhecimento.

A respeito da importância da imaginação na formação da criança, vale a pena lembrar Postic (1993, p. 19) em relação a esse aspecto:

Imaginar não é só pensar, não significa apenas relacionar fatos, e analisar situações, tirando-lhe significados. Imaginar é penetrar, explorar fatos dos quais se retira uma visão. Esta só poderá ser comunicada ao outro através de símbolos, que provocam harmônicos e estabelecem a comunhão. O símbolo age como mediador para revelar ocultando, ocultar revelando, e ao mesmo tempo incitar à participação que, embora com impedimentos e obstáculos, fica favorecida.

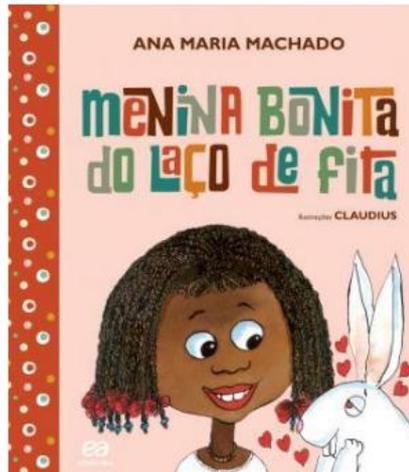
Com base nessa afirmação, deduz-se facilmente que as histórias em geral tendem a mobilizar o psiquismo infantil, aflorando sua imaginação e possivelmente trazendo um reflexo para sua vida. Consistiria nisso a função social da Literatura, daí a importância de ler histórias para crianças, principalmente se quisermos formar leitores do texto literário. A escola deve então, tomar para si essa responsabilidade, constituindo-se num espaço privilegiado de desenvolvimento e vivência da leitura.

A audição ou leitura de obras como as que integram a coleção “Barquinho de Papel” se revela de fundamental importância se quisermos formar leitores, uma vez que se tratam de obras que valorizam através de sua linguagem lúdica o universo da fantasia que tão bem caracteriza o ser criança.

No caso da narrativa de Ana Maria Machado, mas especificamente em *Menina bonita do laço de fita*, temos a história de uma princesa diferente das demais princesas que estamos de uma certa maneira acostumados a encontrar nos contos de fadas. A autora nos dá a rica oportunidade de conhecer uma princesa diferente, na medida em que somos transportados para o universo do engenhoso enredo da ficção de Ana Maria Machado. Nesse seu “Era uma vez”, encontramos não uma princesa, mas uma “fada do reino do luar ou das terras da África”. A indeterminação temporal indicada pela expressão “Era uma vez”, além de fazer alusão a uma determinada forma narrativa – o conto maravilhoso –, ainda aproxima personagens:

a menina negra (“linda, linda.”) lembra muito as heroínas brancas e louras sempre idealizadas da narrativa tradicional.

Mas a “*menina bonita*” de Ana Maria Machado não tem a pele branquinha ou rosada como uma maçã. A pele da nossa “” é “negra e lustrosa”, semelhante à pele da “pantera negra quando pula na chuva”. E não há uma bruxa má que a odeie. Existe um admirador nato da beleza da menina bonita, um coelho branquinho, com olhos vermelhos e “focinho cor-de-rosa sempre tremelicando” que achava a menina a “pessoa mais linda que ele tinha visto na vida”. Por esse motivo, vivia procurando parecer-se com ela, sendo capaz de fazer as maiores travessuras para conquistar aquela cor tão linda. Observemos na imagem a seguir a capa que ilustra a narrativa em análise a ilustração dos dois principais personagens dessa história:



Capa do livro *Menina Bonita do laço de Fita*, de Ana Maria Machado

A valorização da figura negra é percebida do início ao fim do enredo e se instaura a partir do momento em que nos apresenta uma protagonista negra, cuja beleza é almejada pelo “coelho branco” que se encanta por sua beleza de tal modo que tenta a todo custo ficar com a mesma cor negra da menina. Após três tentativas fracassadas para ficar negro como a menina, o coelho resolve seguir os conselhos da mãe da sua vizinha e procura uma coelha bonita para se casar.

As comparações e outras imagens poéticas demonstram a maneira positiva com que Ana Maria Machado retrata a menina negra em sua narrativa, numa demonstração clara de mudança de paradigma em relação ao modo como o negro comparece na história: “a menina bonita do laço de fita” nos é apresentada com uma beleza ímpar – “Era uma vez uma menina linda, linda”.

Observe o caráter de intensificador que assume o qualificativo “linda” na descrição da menina, que segue sendo apresentada com a valorização dos traços marcantes que caracterizam o negro: os olhos, o cabelo e a pele. As comparações utilizadas pela autora se colocam a serviço do enaltecimento da beleza negra da menina: “Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra quando pula na chuva”.

E quando a mãe lhe fazia trancinhas no cabelo e os enfeitava “com laço de fita colorida”, ela ficava parecendo uma “princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar”.

Observe que a autora faz uso de termos que qualificam positivamente a beleza física da menina, deixando de lado qualificativos depreciativos como os que eram comuns no final do século XIX para se referir aos negros: “negra beijuda”, “pretalhão comprido”, “negro de beijola caída e dente arreganhado”, dentre outros.

Esta aproximação menina negra - princesa encantada é posteriormente reforçada: “Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar”. Com o intuito de ressaltar as relações de semelhança possíveis entre dois termos, o texto lança mão da metáfora por comparação. Esta forma de metáfora, segundo D’Onófrio (1995, p. 43), caracteriza-se pela utilização de locuções comparativas (feito e como) “para atribuir qualidades de um termo a outro, operando uma transferência de sentido”, desse modo, a comparação realizada pode ser definida como “uma metáfora explícita ou desenvolvida”.

Aparentemente, os três elementos selecionados (olhos, cabelos e pele) apresentam uma característica em comum: a cor. Em estudo sobre essa narrativa, fazendo uma leitura simbólica desses elementos, Machado (2002) recorre a Chevalier e Gheerbrant e observa o seguinte: o preto desses órgãos do corpo humano são aproximados a outros três elementos: azeitonas (vegetal), noite (temporal) e pantera (animal). De acordo com Machado, uma leitura simbólica da inserção de tais elementos pode revelar significações pertinentes. De acordo com Chevalier e Gheerbrant, o olho humano é “símbolo de conhecimento e de percepção sobrenatural” (apud MACHADO 2002, p. 654). Já os olhos da menina são comparados a “duas azeitonas pretas”. Esse fruto, apesar de não possuir nenhuma simbologia particular, é oriundo da oliveira, árvore que representa “paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa” (MACHADO, 2002, p. 656). Os cabelos da

protagonista são assemelhados a “fiapos da noite”. Esta comparação parece expressiva para Machado, na medida em que os cabelos representam “certas virtudes ou certos poderes do homem: a força, a virilidade” (2002, p. 153) e a noite, apesar de estar também relacionada às trevas, também simboliza a “preparação do dia, de onde brotará a luz da vida” (MACHADO, 2002, p. 640).

Em relação à última comparação, Machado afirma que esta completa o desejo de ressaltar os traços da protagonista: a pele aproxima-se do pelo da pantera negra. Esta construção, que a princípio pode ser tomada como mecanismo de animalização do negro (a exemplo do beijo de boi de Tia Nastácia), pode ainda tomar um caminho diferente, uma vez que a pantera (diferente do boi que é representante da passividade e da fidelidade) é um animal símbolo “da volúpia e da sensualidade” (LEXIKON, 2002, p. 153).

Esta significação de pantera apresentada por Lexikon (2002) dialoga com o próprio sentido dado ao termo no Brasil. De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, a palavra pantera pode significar no Brasil “mulher muito bela e atraente”. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (esses dicionários não foram citados nas referências) também apresenta, dentre outros significados, a palavra pantera como modo de se referir a uma “mulher muito bonita e sedutora; tigresa”. Assim, Machado afirma que se por um lado a aproximação da cor da pele da heroína com o pelo da pantera negra ressalta a beleza e a altivez da mulher de cor, por outro, reforça o estereótipo da negra sensual. Entretanto, de forma geral, as comparações – olhos: azeitonas; cabelos: noite; pele: pantera - atribuem conotações positivas à personagem negra.

A proposta da narrativa, além de deixar rastros de estereotipação, positiva à criança negra e, conseqüentemente, inaugura um novo ideal de beleza.

A narrativa resgata, assim, a identidade de milhares de meninas afrodescendentes, que ao lerem a narrativa podem se identificar com essa personagem, e perceber que a sua beleza é encantadora, uma vez que foi capaz de deixar um coelho branco admirado, “achando a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida” (MACHADO, 1986 p. 6). Ou seja, a beleza da protagonista é tamanha que até os animais como o coelho são capazes de se encantar e querer se igualar ou ter filhos dessa mesma cor.

Na tentativa de se transformar em um negro, o coelho pergunta várias vezes: “*menina bonita do laço de fita*” qual é o seu segredo para ser tão pretinha?”

(MACHADO,1986 p. 7), e a menina, sem saber como responder, reage inventando algumas anedotas ao coelho como: “Deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina” (MACHADO,1986 p. 7); “eu tomei muito café quando era pequenina” (MACHADO,1986 p. 9); “eu comi muita jabuticaba quando era pequenina” (MACHADO,1986 p. 11). E a cada fato inventado o coelho tentava fazer a receita indicada pela menina, para também ficar pretinho: caiu na tinta, tomou muito café e comeu muita jabuticaba e nada funcionou, continuou branquinho.

Mas, como ele era insistente, ainda retornou à casa da menina e repetiu a mesma pergunta, até que a mãe da menina interrompeu e falou o verdadeiro segredo: a descendência da avó negra. Assim, finalmente, o coelho entendeu que ele não poderia ficar negro, pois sua família era toda branquinha, mas que se quisesse ter filhos lindos e negros como a “menina bonita do laço de fita” deveria procurar uma namorada negra, e foi o que ele fez. Encontrou uma linda coelhinha bonita igualzinha à mãe, que se tornou afilhada da “menina bonita do laço de fita”, casou-se com ela e teve uma ninhada de filhotes, inclusive uma coelha negra que continuou despertando curiosidade sobre sua beleza negra, assim como a menina despertava, e sempre perguntavam a ela qual era o seu segredo para ser tão pretinha e linda, e ela respondia: “conselhos da mãe da minha madrinha” (MACHADO,1986 p. 21).

A inserção da figura do coelho, visivelmente apaixonado pela menina negra, torna-se relevante, uma vez que representa o diferente, o branco, supervalorizando os traços físicos do negro e instaurando um processo de idealização das relações inter-raciais e da mestiçagem. Sendo assim, podemos afirmar que estamos diante de um livro que pode ser lido para os nossos filhos, sobrinhos, alunos, amigos e quem queira ler uma boa história, a qual ressalta e valoriza a beleza negra que é importante e parte integrante da identidade do nosso país.

Pensamos também que este livro pode ter, portanto, uma função crucial com alunos nas séries iniciais, pois estimula o respeito, incentiva o “anti-preconceito” e, aos alunos negros, o livro pode lhes trazer maior aceitação por serem negros, assim todos os alunos aprendem a conviver com as diferenças e que elas só enriquecem o ambiente, as culturas, e promovem valores como o respeito, a união, a solidariedade e o afeto. Sendo assim, a narrativa de Ana Maria Machado confirma o que Mesquita (1993, p. 3) declara a respeito do papel da Literatura: “A literatura procura pôr perante os olhos da criança alguns fragmentos de vida, do mundo, da sociedade, do

ambiente imediato ou longínquo, da realidade exequível ou inalcançável, mediante um sistema de representações, quase sempre com uma chamada à fantasia.”

Há diversas atividades que podem ser trabalhadas e pensadas a partir desta história, mas acreditamos que a função principal é valorizar a beleza negra, aceitando o diferente e diminuindo a cada dia os olhares preconceituosos tão prejudiciais à vida de um ser humano. Sendo assim, a leitura em si já poderá se constituir numa atividade consistente. Mas se o professor realizar a dramatização do enredo com crianças em fase de alfabetização, transformando a leitura em vivência, poderá atingir bons resultados, pois a dramatização provoca o envolvimento e exige a participação direta dos alunos, que poderão se sentir valorizados diante de experiências desse tipo, uma vez que essa atividade se situa no plano do lúdico, assim como se apresenta a linguagem dessa narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura crítica da narrativa *Menina bonita do laço de fita* nos possibilitou observar que a autora vai na contramão de valores que os clássicos contos de fadas nos apresentam: ao invés de nos apresentar uma protagonista de pele branquinha, olhos azuis, cabelos loiros e finos, nesta narrativa identificamos uma desconstrução dessa imagem de princesa, pois a autora cria uma personagem que oferece ao leitor infantil um novo olhar para um marginalizado padrão de beleza, a negra. Apesar desse rompimento com uma tradição, a autora não menospreza totalmente os contos de fadas, pois mantém, por exemplo, a maneira tradicional de iniciar essas narrativas, na medida em que a história é iniciada com o típico “Era uma vez”. Nesse sentido, podemos deduzir que Ana Maria Machado traz o novo, a modernidade, sem abrir mão de uma certa tradição, consistindo aí um dos principais valores da obra dessa escritora.

Pudemos ver ainda um processo de formação afetiva que vai se mostrando ao longo da história em torno da imagem da menina: “Era uma vez uma menina linda, linda”. Essa consagração e afetividade por uma menina negra eclodem através da representação gráfica de um universo fantasioso e imaginário que se internaliza na formação afetiva do desenvolvimento individual infantil, pois se entende que a criança emerge de um universo humano, para depois ir para o físico. Essa transferência se dá pela emoção, sendo dessa conexão emocional e subjetiva que se desenvolverá uma consciência crítica reflexiva, possibilitando à criança o ensaio de vários papéis sociais, de como se portar e de ver o mundo.

A presença do negro na literatura infantil é uma realidade que se faz presente cada vez mais em obras da literatura brasileira, levando-nos a refletir sobre a inserção de personagens negros no contexto sócio histórico da nossa formação social, uma vez que a nossa sociedade não é formada por apenas uma raça (branca), mas por uma mistura de raças, onde há uma grande predominância de descendentes africanos.

Diversos autores já trazem personagens negros nos enredos que formam os textos literários em nosso país, a exemplo de Monteiro Lobato, Wagner Costa, Ana Maria Machado, entre outros, fazendo com que o negro ocupe o seu lugar na literatura brasileira (infantil), fazendo com que os leitores tomem consciência de

que a formação do povo brasileiro tem a importante participação do negro que tanto contribuiu com suas culturas, costumes, línguas, etc.

Na obra de Ana Maria Machado, o negro é tratado sem estereótipos e sem conotações negativas, sendo visto como uma pessoa feliz, admirada e que encontra o seu lugar em meio aos demais de forma confortável e aceitável, não havendo espaço para discriminação, preconceito ou coisa semelhante. A partir do momento em que a personagem é comparada a uma fada, desconstrói-se a ideia de um personagem branco que predominava nos contos de fadas tradicionais.

Assim sendo, a obra de Ana Maria Machado vem ao encontro de uma formação de leitor em que se considera todas as pessoas de igual forma, mostrando que ninguém é infeliz por causa da cor da pele ou por não fazer parte do grupo de pessoas que apresentam as características exigidas pela ditadura da beleza branca. Desse modo, a leitura da narrativa merece integrar o acervo de leitura das crianças em fase de desenvolvimento da habilidade de leitura e formação do gosto pela literatura.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica.** 6 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.). **Era uma vez ...na escola: formando educadores para formar leitores** – Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões:** a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: summus, 1984.

BORGES, Joaquim. **Conceição de Vila Rica.** Ilustração Denise Nascimento. São Paulo: Ática, 2003.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil – teoria e prática.** 18 ed. São Paulo: Ática, 2003.

CANDIDO, Antonio. et al. **A Personagem de ficção.** 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: _____ **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000, cap.1(primeira parte), p 14-45.

_____. Literatura infantil: arte literária ou pedagógica? In: _____ **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000, cap. 2 (parte 1) p. 46-61.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

D'ONÓFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 2:** teoria da lírica e do drama. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Teoria do texto 1:** prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 2001.

EVARISTO, Conceição. “Dos sorrisos, dos silêncios e das falas”, In: SCHNEIDER, Liane e MACHADO, Charliton (org). **Mulheres no Brasil:** resistência, lutas e conquistas. João pessoa: Editora universitária/UEPB, 2006, pp.111-112.

FIORIN, J.L. **Linguagem e ideologia.** São Paulo: Ática, 2001.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto Juvenil com personagens negros no Brasil, In SOUZA, Florentina e Lima, Maria Nazaré (org). **Literatura Afro Brasileira**. Salvador, Centros de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Palmares Cultural, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Ana Maria Machado**: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril educação, 1983.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira - Histórias e Histórias**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Melhoramentos, 1986

MACHADO, Vanda & PETROVIC, Carlos. **Ilê Ifê**. Salvador, EDUFBA, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 7. Ed., 1986, 24 p. I. Claudius, Coleção Barquinho de Papel.

Mesquita, A. **A Estética da Recepção na Literatura Infantil**. Série Ensaio, Vila Real: UTAD, 1993.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. “Relações étnico-raciais na educação e na literatura infanto-juvenil: nas veredas da Lei 10639/03?! In: LINS, Joarez Nogueira et al. (org) **Linguagens e Discussões Culturais**. João Pessoa: Editora dos organizadores, 2006. Volume 1. Negros Personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989. Dissertação (Mestrado em Educação) Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Literatura Infantil e Ideologia**. São Paulo: Global, 1985.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. **Experiências de leitura no contexto escolar**. In Literatura: ensino fundamental/ Coord. Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

WEBGRAFIA

MACHADO, Ana Maria. Biografia. [Biografias: Livros: Cadernos de notas: Novidades: Correio]. [2011?]. Disponível em: <http://www.anamariamachado.com/biografia>. Acesso em: 10 Ago. 2016.